

NOTAS MILANESAS SOBRE ECOMUSEOLOGIA SOCIAL

Pedro Pereira Leite¹

Algumas observações e conclusões pessoais do Fórum sobre Ecomuseus e Museus Comunitários, realizado em Milão, entre 6 e 8 de julho, durante a 24ª Conferência Geral do ICOM.

O Ecomuseu e a eco museologia constituem-se fundamentalmente como um modelo de organização para trabalhar o património duma dada comunidade, na sua relação com o território através de métodos participativos. Dos vários trabalhos de Graça Filipe e Hugues de Varine fica clara a afirmação desde modelo de intervenção, que se distingue duma museologia mais clássica, centrada sobre objetos e coleções num edifício chamado museus. Um modelo que surge na Europa, num contexto de crescente preocupação com a nova ciência nascente – a “ecologia”, em 1972, no encontro de Grenoble do ICOM.

A filiação da Museologia social ou da Sociomuseologia no campo genético ecomuseologia é clara e parece-nos hoje indiscutível. O encontro que deu origem à “Declaração do Québec”, em 1984, que fundamenta o Movimento da Nova Museologia (MINOM), surge dum encontro sobre ecomuseologia e novos museus, realizado no Ecomuseu de Haute Beauce. Foi um momento de encontro entre quem procurava, de um lado atualizar a função social dos museus e de outro, aprimorar a intervenção ecomuseal.²

Se a museologia social se agregou, no ano seguinte, em torno do MINOM, o movimento da ecomuseologia não encontrou uma forma de associação, de troca e partilha de ideias e projetos. Podemos considerar, que a proposta que neste encontro de Milão é feita pelos ecomuseus, procura atualizar esse propósito, procurando agora agregar forças, juntando o MINOM, o ICOFON e o CAMOC. Foi por isso um evento relevante, uma vez, que nos anos 70 a ecomuseologia encontrou sérias resistências por parte deste comité da teoria museológica.

¹ Centro de Estudos Sociais Universidade Coimbra / ULHT

² Isso mesmo refere Mário Moutinho em 1995 “A declaração do Quebec de 1984, in A memória do pensamento museológico contemporâneo” (Documentos e Depoimentos) org. Marcelo araujo & Cristina Bruno, Comitê Brasileiro do ICOM, dá um testemunho sobre esta questão.
https://www.academia.edu/27176139/A_Declara%C3%A7%C3%A3o_do_Queb%C3%A9c_de_1984

É natural que ecomuseologia, enquanto processo museológico, encontre muitas correspondências no campo da sociomuseologia. Território, comunidade, participação são palavras-chave da ecomuseologia, da museologia social, e da sociomuseologia. A função social e o desenvolvimento também não são questões estranhas. Não valerá pois perder muito tempo a procurar argumentos sobre a distinção entre ecomuseus, museologia social, museus de comunidade, ou de vizinhança. Foram formas que surgiram num dado tempo, para dar respostas a preocupações dos processos desses tempos. Mais que procurar diferenças interessa hoje procurar distinguir o que constitui inovação e o que se configura como adequado aos problemas das comunidades e dos territórios atualmente, a partir da atuação sobre os patrimónios e heranças.

Valerá todavia a pena pensar nos desafios que o modelo da ecomuseologia enfrenta. A sociomuseologia como se define como um campo disciplinar, alicerçado nas práticas da museologia social, deverá ter uma especial preocupação em acompanhar esse debate, tanto mais que as práticas que são tendencialmente convergentes e semelhantes.

Nestas reflexões abordaremos portanto a ecomuseologia social como processo. Olhando desse ponto de vista podemos afirmar, que no encontro de Milão, a ecomuseologia se afirmou como uma proposta sólida, convergente com o campo da sociomuseologia e das práticas de museologia social.

A ecomuseologia é um fenómeno no campo da museologia. A sessão conjunto, ICOFOM, CANMOC, MINOM foi um exemplo. Também o foi o encontro sobre Ecomuseus e as visitas aos ecomuseus da Lombardia. Discutir a ecomuseologia a partir destes três comités do ICOM foi um passo que deu vitalidade ao evento dos ecomuseus e lhe proporcionou uma ocasião para apresentar a sua agenda

Não bastará contudo afirmar uma agenda, é também necessário dar consistência às formas de trabalho e de relação. É necessário ir mais longe na discussão. Criar o tal grupo de trabalho, uma organização afiliada do ICOM, como se propôs em Milão é uma hipótese que está em cima da mesa.



Outra questão que valerá a pena olhar com atenção é a capacidade de irradiação dos processos ecomuseológicos. Há regiões na Europa que apresentam grande vitalidade. Itália em primeiro lugar, por razões que o documento estratégico para os ecomuseus italianos ajuda a entender. Em França, em Espanha, e em alguns outros países europeus, também são visíveis. Na América do Sul e no Canadá, é surpreendente a sua vitalidade. Sabemos da implantação dos museus comunitários no México, embora neste encontro não tenham estado presentes. O Brasil é também um caso de potência museal no campo dos ecomuseus.

Sabemos que estão a surgir ecomuseus na China, na Índia e no Japão. É certamente um bom sinal das possibilidades do modelo. Mas, por outro lado, não fica completamente esclarecida a ausência em praticamente todo o continente africano. Não é o Ecomuseu uma proposta de desenvolvimento do território? Se sim porque não foi e não é aplicado, experimentado, ou mesmo enunciado como proposta. Desconhecimento dos atores? Questão de modas? Falta de vontade?

Foi aliás essa uma das questões que levantamos na intervenção de tivemos a propósito da nossa proposta dum “Ecomuseu do Katembe” em Moçambique.

Primeira nota é portanto sobre o reconhecimento do modelo, da sua extensão na Europa e Américas, mas também da sua limitação em alguns pontos cardeais. Será a ecomuseologia um modelo eurocêntrico, que apenas sobrevive em locais sobre a influência da mercadoria, ou será possível um ecomuseu fora da lógica do mercado? Ou seja será o ecomuseu uma alternativa de transição? Será possível este modelo, de usar o património como recurso, para dar novas soluções de desenvolvimento económico e territorial?

O conceito de ecomuseu e museu comunitário está estável e reúne algum consenso. Será possível que ele se venha a constituir como uma plataforma de encontro mundial? Que tipos de diálogos serão possível estabelecer com os processos vinculados à museologia social.

Será possível a proposta de Rede estabelecida entre os ecomuseus italianos, seja a nível individual, seja a nível de processos, como foi feita



em Milão, em julho, ser alargada aos demais países europeus? Será mundial ou regional? E em África, que modelo? E este é a nossa segunda nota, sobre as reais possibilidades de criar uma rede de ecomuseus, de base nacional ou *Ibérica*? Ou mesmo de dialogo lusófono ou Iberoamericano?

A terceira nota levantada pelo encontro sobre Ecomuseus e Museus Comunitários relaciona-se com a natureza do seu projeto. Na verdade, como modelo museológico, tornar o território e a comunidade como objeto patrimonial implica um projeto cultural alternativo ao mercado global. As grandes forças mundiais são aglutinadoras, de mercados, de financiamentos, de marcas, de fluxos de mercadorias e de pessoas. Os ecomuseus trabalham com economias locais, de escala mais reduzida. Há que ter isso em conta nos processos económicos, social e culturais.

A museologia não pode ser vista apenas numa das dimensões, seja ela económica, social ou ambiental. Um ecomuseu só faz sentido se aquilo que é feito ecomuseu irradiar, contagiar, toda a comunidade, seja do ponto de vista educativo, cultural, social, económico ou ambiental. Ou seja, para o processo ecomuseal ser hoje sustentável, é necessário que seja interdisciplinar e trabalhe a cultura a partir das três dimensões: económica, social e ambiental. Como consequência, é necessário que todo o processo **ecosociomuseológico** seja transdisciplinar. Que inclua diferentes modos de conhecimento e produza diferentes soluções.

Isso leva-nos a uma quarta nota, relativa ao problema da paisagem. O tema geral da conferência do ICOM eram os Museu e as paisagens culturais e aprovação da carta de Sienna sobre paisagens culturais³. Os museus



constituem como locais de interpretação da paisagem. Por maioria de razão, os ecomuseus são, quase por definição a musealização da paisagem. São ainda hoje os ecomuseus lugares de interpretação da paisagens, ou poderão ser atores dessa paisagem? Como será possível adicionar, ainda mais a questão ambiental, ausente do discurso da

³ http://icom-portugal.org/documentos_outros,129,542,detalhe.aspx

maioria dos museus, ao arrepio do que é estabelecido na Convenção da UNESCO, sobre proteção e promoção do património mundial, cultural e natural, de 1972. Um desafio que a carta de Sienna poderá colmatar, ou será apenas mais uma carta no campo do Direito Internacional Público

Uma quinta nota que vale a pena relevar, é a necessária colaboração entre os Ecomuseus, e outras organizações congéneres, tal como o ICOMOS, organizações de turismo solidário, e do terceiro setor. Uma relação que tem vindo a ser mal explorada, continuando as relações a situar-se em planos separados. Os museus e as coleções de um lado, as empresas de turismo de outros, as recomendações e as intervenções do ICOMOS ainda de outro e o terceiro setor, talvez ainda mais longe deste debate. Neste encontro ficou claro que é necessário criar espaços de debate sobre questões comuns. Haverá muitas mais questões a trabalhar. A possibilidade de estabelecer reais parcerias entre os ecomuseus, realidade que acabam por ser distintas, seja na sua génese, seja por vezes nos seus objetivos e princípios.

Serão possíveis redes de organizações com características tão diferenciadas. Será possível estabelecer, através do modelo do ecomuseu, redes de solidariedade com base no património? Que tipo de inovação social estas organizações são capazes de construir?

A experiência dos ecomuseus, em Itália e no mundo mostra a possibilidade de usar este modelo como laboratório. Haverá contudo de entender os seus limites e alcance. Para já, do que pudemos observar na mostra apresentada em Milão, os ecomuseus podem desenvolver-se em espaço rurais, deprimidos, em espaços urbanos ou em regeneração urbana. Apresentam-se como organizações diferenciadas: de iniciativa pública, municipal, de associações locais, de pequenas cooperativas. Constituem-se como um potencial de iniciativa social de associação e compromisso na ação, não menosprezável. Um potencial a explorar. Trata-se dum caminho a explorar em Portugal que vamos procurar desenvolver.⁴

⁴ Para solicitar a associação à plataforma portuguesa, pode-se usar o mail pedropereiraleite@hotmail.com, ou o dos nossos companheiros italianos



Proposta de constituição duma rede de ecomuseus portugueses

Na sequência do encontro de Milão foi enviada a vários colegas, museólogos e ecomuseólogos a seguinte proposta de ação

Caros amigos,

1. Como é provavelmente do vosso conhecimento, no passado dia 4 de julho, durante a 24ª conferência Geral do ICOM em Milão, decorreu um Programa Conjunto sobre Ecomuseus e Museus Comunitários (uma sessão organizada por três comités do ICOM (o ICOFOM, o CAMOC e o MINOM) propostas pelos nossos colegas italianos.

Essa sessão foi seguida de um encontro nos dias 6, 7 e 8, onde se efetuou um intenso debate, a apresentação de experiências de ecomuseus e museus comunitários.

Os nossos colegas italianos colocaram à discussão o documento estratégico dos Ecomuseus Italianos que podem ver em

(http://www.ecomusei.eu/?page_id=1591

versão em português - <https://globalherit.hypotheses.org/5124>)

Nele se aborda, para além de algumas questões relevantes sobre o modelo dos ecomuseus, alguns desafios, que podem ser visto no relato feito por Hughes de Varine (http://hugues-interactions.over-blog.com/2016/07/l-ecomuseologie-s-affirme-a-milan.html?utm_source=ob_share&utm_medium=ob_facebook&utm_campaign=ob_sharebar) enquanto não estão disponibilizados os documentos na sua versão final, pelo que em breve teremos algumas questões relevantes, nomeadamente as conclusões e os relatórios das nossas conversas.

2. Como entre nós a Ecomuseologia está muito associada à nossa amiga Graça Filipe e ao Ecomuseu do Seixal, e não tendo a Graça ter tido possibilidade de ir a Milão, no regresso solicitei-lhe uma breve conversa para nos sintonizarmos sobre estas questões, nomeadamente para a

auscultar sobre a possibilidade de criarmos entre nós, ou entre nós Ibéricos uma rede de ecomuseus que se ligue a esta rede europeia.

Em novembro do ano passado participei, conjuntamente com a Graça Filipe e o Santiago Macias (dos Museus de Moura) no programa da TSF "Encontros com o Património" sobre "Ecomuseus e museus comunitários" (<http://www.tsf.pt/programa/encontros-com-o-patrimonio/emissao/ecomuseus-e-museus-comunitarios-4898954.html>) onde de alguma forma se fez um balanço e um mapa de quem e o que se estava a fazer neste campo em Portugal.

3. Valerá a pena, na sequência deste encontro no âmbito do ICOM, procurar alargar esse debate que então tivemos

Sabemos que entre nós reunir vontades é sempre um caminho complexo. O próprio ecomuseu do Seixal é um exemplo das diferentes e persistentes dificuldades deste modelo, mas que apesar de tudo continua vivo e crítico.

Um primeiro passo seria nesta altura cartografar, quem e que experiências estão a acontecer em Portugal no âmbito desta relação entre a museologia, o ambiente e o desenvolvimento local.

Se por um lado não há muitas experiências de ecomuseus (temos par além do Seixal o Ecomuseu do Barroso, da Ria de Aveiro, do Zêzere, ainda que apesar do nome, nem todos possam seguir o modelo dos ecomuseus (território+comunidade+desenvolvimento) e museus comunitários, há muitos outros, locais ou rurais que usam metodologias da ecomuseologia) e assumem preocupação de uma museologia ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento.

Assim muito brevemente temos no alguns casos, no Algarve no Alentejo, na Estremadura, no Centro e no Barroso que já estão bem referenciados, enquanto outros estão próximos, mas provavelmente desconhecemo-nos mutuamente (por exemplo em Maio visitei o Museu do Sal na Figueira da Foz, onde é feito um trabalho ecomuseológico, sem que essa palavra surja nas apresentações do sítio.

4. Por outro lado, também na linha do aconteceu em Itália e no que tem vindo a acontecer entre nós, a participação do ICOMOS nesta questão assume particular relevância, quer pela natureza dos documentos e práticas.

5. Assim como também a participação das redes de Turismo solidário, responsável, ecológico, de natureza pode ser um elemento de grande relevância nestes debates, sobretudo nas questões da procura de alternativas e da sustentabilidade económica.

6.A nossa colega Graça Filipe está agora a dinamizar um projeto ecomuseológico, a partir da Fábrica de Vale de Milhaços, no Seixal e no próximo ano de 2017 celebram-se os 35 cinco anos do Ecomuseu do Seixal. Esta seria uma boa oportunidade para fazermos um balanço sobre a ecomuseologia em Portugal.

6 Recordo que no encontro de Milão foi sugerido que os Ecomuseus se agreguem num comité associados do ICOM, com objetivo de dar mais visibilidade a este movimento e ao mesmo tempo a iniciar uma reflexão sobre a especificidade do modelo, bem como pensar sobre formas de formação ou estágios, para quem esteja envolvido em projetos de ecomuseus e museus comunitários.

Até que as conclusões de Itália estejam disponíveis proponho que nos vamos mantendo em comunicação, sobre a forma de rede e eventualmente construir um blog sobre ecomuseologia com informação sobre este modelo em Portugal, bem como sugestões a quem e de que forma podemos alargar este debate.





